

EDUCAÇÃO, MÚSICA E INVESTIGAÇÃO-AÇÃO: produzindo o sorriso na escola

As propostas de educação musical e de formação de professores na área da Educação Musical continuam, na sua grande maioria, caracterizadas pela procura do desenvolvimento técnico. A vivência de um programa de investigação-ação educacional emancipatória baseado num processo educativo dialógico e caracterizado pelo trabalho colaborativo de um grupo de investigadores ativos-críticos, possibilitou o fortalecimento e esclarecimento, na prática, dos sujeitos participantes do processo educativo. Ainda, essa vivência favoreceu o planejamento de ações que tornaram-se instrumentos de superação das situações-problemas encontradas no grupo, trazendo novamente o sorriso para as práticas educativas.

Introdução

Este trabalho propõe-se, apresentar um recorte da dissertação que defendemos junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Procuramos problematizar alguns aspectos que pretendemos possam contribuir na discussão das propostas de educação musical e na formação daqueles que assumem o ensinar a ensinar balizados pela idéia de uma educação dialógica. Estas preocupações originadas nas nossas práticas educativas, perpassam a nossa trajetória como professor desde a nossa experiência na educação musical com pré-escolares, a passagem pelo Ensino Fundamental, as experiências com as denominadas classes especiais, nas importantes experiências com o Ensino Médio e Magistério, até a atualidade, quando enfrentamos a tarefa de ensinar a ensinar como professor do Curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Sobre elas construímos um processo investigativo e reflexivo através do qual passamos do diagnóstico e contextualização do problema à realização de ações que objetivaram superar as situações limites encontradas no transcurso da pesquisa. Concomitantemente procuramos construir um processo colaborativo através do qual a criação musical avança na construção de relações sociais mais justas, refletidas numa escala de valores e identidade cultural próprias dos sujeitos envolvidos. Em fim, este é o recorte de um momento determinado desta história que se faz contínua, na contribuição da linguagem musical para que educador-educando e educando-educador, possam constituir-se como sujeitos participativos, ativos e críticos.

O surgimento do "sorriso"

No verão 1995/1996 a professora Cláudia Moraes junto com o Otomar Corrêa , procuraram-me com a proposta de compor um grupo de educadores que objetivavam aproveitar o espaço conhecido como o Chalé do Lar Metodista, para ali trabalhar com artes. O Lar é uma instituição que há sessenta anos abriga meninos carentes das mais diversas regiões do Estado. Quando assim falamos, estamos nos referindo às carências do ponto de vista econômico e aquelas resultantes da falta de uma estrutura familiar. Estas são crianças marginalizadas, pelo fato de não encontrarem afetividade, carinho, ou simplesmente um interlocutor para o diálogo necessário. Neste contexto, a partir de março de 1996 começamos a trabalhar, convivendo com os problemas de um grupo social onde os indivíduos são tratados como objetos submetidos as leis de mercado. Essa é a violência a que estas crianças ficam submetidas, hoje comer sem ter assegurado o prato de amanhã, a violência de ver-se negado do conhecimento, a violência de não saber escrever e ler para poder expressar os seus sentimentos e a sua rebeldia. Essa é a visão da realidade do Lar Metodista que faz parte das discussões do grupo que desde então trabalha no Projeto Sorriso, nome que assumimos do trabalho que ali já estava em andamento desde 1992.

Trajectoria: o problema na caminhada

Distinguímos duas faces na problemática trabalhada, a formação dos acadêmicos nos cursos de Licenciatura em Música e a preocupação de contribuir para que concomitantemente com a pesquisa, aconteça a mudança da realidade onde atuamos. No que diz respeito à primeira, como docente do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sempre ouvimos dos alunos as suas reflexões e dúvidas resultantes dos problemas que devem enfrentar depois de formados. Este recorte dos questionamentos dos acadêmicos somados aos provenientes da nossa experiência pessoal, são determinantes na delimitação da problemática que abordamos e que nos coloca perante as seguintes metas e desafios.

escolares? Nessa perspectiva, procuramos contribuir para a renovação do sentido da educação musical, procurando estabelecer que todos são capazes de sentir uma emoção artística e ter uma prática artística, salientando ainda que, "...diferentes indivíduos progredem por caminhos diferentes." (SNYDERS, 1992, p. 131). Entretanto, a tarefa do educador será construída no sentido da socialização dos conhecimentos sobre a arte e a música apontando para a sua importância na procura da construção de uma escala de valores que relacionará a todos os indivíduos de forma justa e igualitária uns com os outros. Assim como afirma ECO: "toda forma de arte,..., fundamenta seu valor justamente numa novidade de organização do material disponível", (1997, p. 163). Este material está disponível, o professor deve estar atento para criar junto com os educandos, firmando desta forma o diálogo como base do processo educativo a caminho da ruptura da elitização na educação musical.

As primeiras seduções

A formação do grupo de educandos e educadores participantes das ações deste processo acontece pela sedução mútua, privilegiando o diálogo que se estabelece entre todos os indivíduos que aquele conformam. Fica estabelecido o sentido de reciprocidade e comprometimento com o processo, desde o planejamento das ações, da proposta de (re)fazer a troca. Procuramos, que educador e educando juntos, (re)organizem e socializem os elementos pedagógicos da educação musical. Assim sendo, acreditamos que criam-se livremente, com os elementos estéticos do meio, formas de expressão não alienadas. Desta forma,

Enquanto o grupo é o centro da investigação-ação tida como uma atividade, os sujeitos comprometem-se a mudanças na sua própria prática pessoal como meio para propiciar conseguir alcançar o interesse coletivo do grupo: a melhora da prática educativa em geral (KEMMIS/ MCTAGGART, 1988, p. 22).

Nessa perspectiva, conseguimos superar a etapa das discussões sobre os problemas da nossa prática docente e gerar um trabalho de extensão objetivando a realização prática dos conhecimentos acadêmicos ao mesmo tempo em que procura integrar-se na realidade, no processo de transformação da mesma. Ainda, a nossa aproximação ao Programa de Pós-Graduação em Educação, foi primordial para este trabalho pois ali encontramos um espaço de discussão da nossa problemática junto da academia.

Procurando desvelar os traços do sorriso

No início, o grupo decidiu deixar-se molhar pela realidade para depois de apreendê-la tentar modificá-la. Antes de um planejamento que pudesse antecipar a realidade e construir preconceitos, realizamos algumas ações que nos levaram ao diagnóstico daquela. Estas, se constituíram em encontros com os educandos onde procuramos aprender fazendo. Músicas e outras expressões artísticas que os meninos conheciam, passaram a ser trabalhadas em sala de aula, na busca dos temas geradores que serviriam como alimentadores e motivadores do trabalho. Neste momento, tentamos a superação do desafio de transformar a multidisciplinaridade inicial em interdisciplinariedade o que aconteceu na prática através de aulas planejadas e ministradas de forma conjunta, fazendo do planejamento a primeira ação concreta.

Na construção da prática docente interagimos todos, nas manifestações da plástica, expressão dramática e música, na mesma sala de aula. Substituímos o caderno de receitas pelo diálogo crítico através do qual nos assumimos como educadores-educandos, procurando respostas sem ter antecipadas as soluções. Seríamos capazes de construir ali um espaço que ao mesmo tempo atendesse as necessidades dos educandos e contribuísse para o processo de formação dos educadores? Esse era o problema, a proposta construída foi a de um processo de investigação-ação que procurou soluções alternativas dentro da sala de aula, ali onde se forma o professor.

Desenvolvimento do processo de investigação-ação

As idéias básicas deste processo apontadas por KEMMIS & McTAGGART (1988), são as de que a investigação-ação é uma atividade de grupo e as suas decisões tem o compromisso com a melhora. Destacam os mesmos autores, a observação de Lewin (1946), que assinala a investigação-ação como um processo de degraus em espiral, sendo que cada um destes, se compõe de planejamento, ação, observação, replanejamento e ação. Desta forma acontece a responsabilidade primária dos envolvidos enquanto decisão sobre a orientação de cada uma das ações. Desde o início, o educador-educando e o educando-educador devem concatenar os seus interesses para assim conseguir o aumento da harmonia entre a idéia educativa e a ação educativa, procurando a quebra da dicotomia teoria e prática.

Para os autores,

Investigação-ação significa planejar, agir, observar e refletir mais cuidadosamente, mais
i i i i d é di di

A partir do processo de investigação-ação que educadores e educandos implementaram como sujeitos do seu que fazer educacional, buscando compreender como as práticas bancárias correspondem a situações limitadoras, passaram a exercer um processo em espiral de planejamento-ação-observação-reflexão. Este procedimento possibilita o trabalho de criação a partir dos temas geradores no ato de educar-se. Colocam-se em discussão a compreensão dos que fazeres de educandos e educadores, visando a conscientização dos participantes como sujeitos ativos, críticos, não neutros, num processo dialético que possibilita as mudanças pretendidas. Criam-se neste processo, um conjunto de estratégias através das quais e perante um contexto no qual impera a educação bancária, podemos intervir na busca da alternativa da educação dialógica, tomando partido pela livre criação artística expressada na linguagem do meio. As aulas transformam-se em oficinas criadoras onde o jogo de futebol é recriado nas instalações plásticas, nos momentos de expressão dramática e nas músicas vocais acompanhadas pelos violões expressam as inquietudes dos integrantes do grupo. Na procura das mudanças almejadas procuramos manter ação e reflexão, teoria e prática, em equilíbrio, de forma que os pensamentos gerados neste que fazer possam ser autênticas expressões da dialogicidade e ruptura da dicotomia teoria - prática.

Nesse sentido,

Qualquer destas dicotomias, ao gerar-se em formas inautênticas de existir, gera formas inautênticas de pensar, que reforçam a matriz em que se constituem (FREIRE, 1987, p.78).

No transcurso deste processo de investigação, educadores e educandos possibilitam a transformação da sala de aula num espaço de conhecimento, onde através do nosso que fazer, assume-se o papel de problematizar esta realidade para compreendê-la, melhorá-la e transformá-la em expressão de um processo social mais justo. Seguindo esta concepção,

Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso (FREIRE, 1987, p. 82).

Assim, a prática da investigação-ação apresenta-se como um caminho alternativo para a emancipação, ao trabalhar os problemas educacionais da realidade educativa onde professor e aluno agem na busca de soluções para os mesmos. O conceito de práxis com o qual trabalhamos, designa uma relação dialética entre o ser humano e a natureza, na qual este, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo, "Toda vida social é essencialmente prática." Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis (MARX, ENGELS, 1989, p. 14). Adotamos esta concepção no nosso trabalho, motivados pela objetividade que encerra.

Metas

Assim sendo, partimos para alcançar algumas metas entre as quais salientamos, a procura da ruptura com as práticas reprodutoras do processo mecânico de imposição de valores estranhos à realidade dos indivíduos que o conformam. Através de um conjunto de estratégias e ações emancipatórias que denominamos, processo de investigação-ação, caracteriza-se a sala de aula como o espaço necessário para que educandos e educadores possam desenvolver os valores escolhidos pelo grupo pleno.

Sua formação faz-se em regra, com abandono das preocupações de ordem geral, pela aquisição empírica e por via de instrução livresca ou imitativa de técnicas operatórias relativas aos objetos da especialidade. O pesquisador e o estudioso de um domínio específico não costuma ser educado pela reflexão sobre os fundamentos do seu tema de estudo, o valor e limite dos métodos que utiliza, as possibilidades explicativas das teorias que elabora, das leis que descobre, enfim, não lhe é descortinado o significado da lógica que utiliza, dos procedimentos de raciocínio de que se vale, das concepções universais que admite como verdadeiras, e sobretudo não se procura dar-lhe a conhecer a importância dos alicerces sociais em que repousa o trabalho a que se dedica e dos fins, também sociais, a que serve. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 302).

No que fazer do ensinar a ensinar, preservamos o espaço necessário para a reflexão sobre as ações realizadas objetivando colaborar no descortinar da lógica da racionalidade emancipatória que se manifesta nas mesmas. Dirigindo essa preocupação à construção de uma escala de valores equilibrada e condizente com os do seu meio, educadores e educandos podem começar a romper com a divisão do trabalho que fazem de uns pensadores e dos outros executores.

transformação da realidade. Esta participação acontece na integração aos trabalhos do Chalé, colaborando e desenvolvendo ações como na criação da biblioteca ou na recepção aos novos alunos do Lar e oficinas.

O desenvolvimento das ações planejadas, possibilitou discutir e redimensionar os valores da criação artística. A crítica e apreciação musical faz-se através do diálogo entre os sujeitos envolvidos. Produzida a transformação da realidade da sala de aula, acontece a expressão livre das idéias assumindo o ser parte ativa do processo pedagógico. Assim surgem os trabalhos de composição realizados em sala de aula ou que se completam na mesma. Os mesmos servem como exemplo e incentivo para que os alunos continuem procurando criar. Lembramos que na apresentação realizada durante a Semana da Música 1998, apresentaram suas composições e discorreram sobre como se trabalha no Projeto Sorriso. Ao retornar, os comentários deixaram evidenciada a importância e transcendência que aquela ação teve para todos nós. Segundo um dos meninos, "agora eu sou professor pois toquei e cantei para os alunos do curso de música".

Na concretude das ações, surge o sentido de interação dialógica e solidariedade devidos na investigação-ação, o que possibilita a realização de práticas educacionais emancipatórias. Estas ações desenvolvidas nos levaram à construção de uma estratégia potencializadora das mesmas, que por sua vez descortinam alternativas para a formação do profissional de educação musical. Trabalhamos sobre a possibilidade de que os acadêmicos que trabalham junto com esses alunos, possam vir a formar-se numa perspectiva de uma participação em todos os momentos pedagógicos, junto com os seus alunos. Esta é a idéia do professor íntegro na educação musical, aquele profissional que procura junto com o grupo de educandos-educadores, insere a educação musical no processo cultural. Nesse sentido, aos depoimentos dos acadêmicos estabelecendo a importância do seu trabalho no Chalé, somam-se as expressões dos alunos manifestadas através das suas criações artísticas naquele e em outros espaços.

Interação educador educando

Estes exemplos superam as considerações a respeito de que música é um "dom". Através do nosso trabalho conseguimos demonstrar que fazer música é uma atividade natural, se educador e educando estiverem trabalhando juntos e igualmente motivados. O diálogo nos conduz à transformação e para superar estes desafios e atingir as metas que fixamos, construímos um processo formado por um conjunto de estratégias que denominamos de investigação-ação. Esta opção, acontece a partir da sua proposta emancipatória e partindo dela procuramos construir uma concepção de educação musical para todos.

Conclusões e questionamentos

Através deste trabalho, procuramos mapear os procedimentos e resultados de um programa de investigação-ação educacional emancipatória, na qual buscamos adotar uma postura crítica diante dos processos investigados. Muito mais do que responder teoricamente à problemática inicial, desenvolvemos ações concretas na e para a construção da prática educativa na direção da racionalidade emancipatória. A partir dessa prática chegamos, mais do que a conclusões definitivas, a alguns questionamentos sobre os quais continuamos a trabalhar. Se de alguma forma contribuímos com a mudança de uma realidade que demonstra a elitização do ensino da música, importa destacar, que essas práticas também vieram a contribuir para a formação de profissionais na educação musical, comprometidos com um processo consciente e crítico tendente a realizar mudanças na realidade.

Os resultados obtidos podem não confirmar a ruptura total do projeto de reprodução dos programas impostos. Demonstram sim, que é possível a instalação de um processo alternativo para uma prática educacional comprometida com transformações sociais e educacionais que nos permitam chegar até aqueles marginalizados dos procedimentos usuais de educação. A caminhada iniciada integrantes do grupo do Projeto Sorriso e de outros com os quais interagimos, assim nos indicam. No mesmo sentido, apontamos as ações realizadas pelos alunos do chalé. Hoje, eles atuam na comunidade como elementos importantes no processo de conscientização e transformação das relações sociais. Hoje, os educadores procuram desenvolver as suas práticas educacionais, através de um processo dialógico do qual a música faz parte como linguagem. Os educandos, deixam transparecer nas ações desenvolvidas no cotidiano, a sua participação ativa na procura dessas mudanças.

Na nossa caminhada, as ações vivenciadas no espaço do Chalé do Lar Metodista transcenderam seus limites e possibilitaram que o grupo interagisse com colegas de outras escolas de Santa Maria, Santo Cristo e São Sepé, sempre na procura de novos espaços de trabalho visando interagir com educadores e educandos em outros contextos.

Em todos esses momentos o grupo tem sido o gerador de ações comprometidas com a construção de conhecimentos, através da sua participação ativa e crítica. Assim sendo, mudaram nossas práticas educativas na interação com os alunos da Licenciatura em Música, educadores e educandos de diversas realidades. Mudaram os acadêmicos participantes dessas ações no diálogo participativo com a

contexto. As músicas conseguem reietir a problematica dos sujeitos, a musica para a professora, amiga e companheira nesta caminhada é a música que reflete as suas idéias Para isto superamos as dúvidas iniciais acontecidas a partir do nosso desconhecimento dos educandos e do seu meio, valorizando os conhecimentos adquiridos na nossa vida acadêmica e aqueles dos educandos, da sua experiência diferenciada de vida.

A partir deste trabalho, não somos mais os mesmos, educandos-educadores e educadores-educandos, procuramos continuar a construir caminhos para ensinar a ensinar, para atingir, através de um processo crítico e emancipatório na criação de um sujeito novo. Procuramos continuar a construir caminhos, para que, educação, música e investigação-ação, possam produzir os sorrisos na escola.

Bibliografia

CARR, W. e KEMMIS, S. **Teoria crítica de la enseñanza: Investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona, Martinez Roca, 1988.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. 8 Ed. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. 8 Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Scipione, 1991.

KEMMIS, S. e MACTAGGART R. **Como planificar la investigación-acción**. Barcelona, Laertes, 1988.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. (Feuerbach). 7 Ed. São Paulo, Tradução de José Carlos de Bruni e Marco Aurélio Nogueira, Editora Hucitec, 1989.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo, Cortez Editora, 1992.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: Problemas filosóficos da pesquisa Científica**. 3 Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2001 - Vol. 26 - N° 01 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**